



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

VOTO DE PESAR N.º 135/x

PELO FALECIMENTO DE MARIA GABRIELA LLANSOL

Maria Gabriela Llansol faleceu no passado dia 3 de Março em Sintra, aos 76 anos.

Escritora portuguesa de ascendência espanhola, Llansol nasceu em Lisboa em 1931. Licenciou-se em Direito e em Ciências Pedagógicas. Estreou-se com o livro de pequenas narrativas *Os Pregos na Erva*, em 1962. Três anos depois, deixaria Portugal, para se exilar na Bélgica durante vinte anos, com o marido. Em Lovaina, com estudantes da Universidade, criou e dirigiu uma escola experimental, especialmente vocacionada para receber filhos dos estudantes estrangeiros. Nesse ambiente, nasceu *O Livro das Comunidades*, publicado em 1977, obra seminal da escrita e do pensamento llansolianos.

Durante mais de quatro décadas de intensa escrita, Llansol construiu uma das obras mais singulares da literatura portuguesa contemporânea. Entre mais de trinta livros publicados, salientem-se obras como *Contos do Mal Errante* (1986), *Um Beijo Dado Mais Tarde* (1990), o ciclo *Lisboaleipzig* (1994), *Amigo e Amiga* (2006), ou o recente *Os Cantores da Leitura* (2007). Publicou ainda três volumes de diário e traduções de Baudelaire, Rimbaud, Verlaine, Apollinaire, Rilke, Éluard e Thérèse Martin.

Embora tenha vivido deliberadamente à margem dos meios literários, Llansol foi muito premiada. Traduzida e publicada no Brasil e em diversos países europeus, a sua obra não para de encontrar leitores fiéis ou, como preferia dizer, "legentes".

Em 1991, à pergunta "por que escreve?", Llansol respondeu: «Não há um porquê. Há uma afirmação. Eu só posso dizer 'eu escrevo'». Entendia que a escrita não é possessão do mundo, mas desejo – e inquirido às confidências de quem nos cerca. Por isso o espaço da escola ou

Publicado em
do Tribunal -


24.03.12

da casa é atravessado por crianças, mas também por Nietzsche ou São João da Cruz, por Bach ou por Pessoa, por lobos, arbustos, gatos, estátuas e quadros, cacos de vasos. Ao mesmo tempo, é a história colectiva de uma Europa e suas guerras, seus mitos e desenganos, e também a história de uma escrita íntima, um lugar disponível para o pensamento, ou esse “jardim que o pensamento permite”, de que falam tantos dos seus livros. Como nos jardins, não é preciso forçar o crescimento das plantas; basta aguardar, saber aguardar que elas cresçam. Escrever, para Maria Gabriela Llansol, foi sempre a sagesa dessa espera.

Eduardo Lourenço afirmou, logo em 1980: “Que *Cultura* corresponde a um tal *Texto* não é fácil dizê-lo. Ou melhor: é impossível. Justamente por isso é essa enigmática prosa *contemporânea* por excelência”. Mesmo quando os livros apresentam poetisas medievais, místicos modernos, poetas e pensadores nómadas, a escrita de Llansol nunca se afasta dessa contemporaneidade, tentando ouvir agora na História passada os diálogos que não se deram. A escrita torna-se lugar de encontro das vozes perdidas: o camponês morto, o herege condenado, a árvore cortada. Llansol precisou de estilhaçar a linguagem para poder dar voz aos que foram reduzidos ao silêncio; por isso a sua escrita se fragmenta, interrompe, cede por vezes ao espaço branco ou a um traço horizontal, à espera do texto que só o legente poderá, um dia, escrever. Quanto a Llansol, como disse em *Amigo e Amiga*, «Sai[u]/Deix[ou] esta cena entregue a ela mesma, depois de ter aberto a janela».

A Assembleia da República presta sentida homenagem à memória de Maria Gabriela Llansol, manifesta profundo pesar pelo seu falecimento, e endereça, em nome de todos os Grupos Parlamentares, os mais sentidos votos de condolência à sua família e amigos.

Palácio de São Bento, 12 de Março de 2008


António Guterres
Presidente da Assembleia da República

(PS)